

# Tocando a música da Fundação Cultural

Renato Vasconcellos assume assessoria da FCDF com idéia de criar novos projetos voltados para a música de Brasília

TERESA ALBUQUERQUE

**R**enato Vasconcellos é o novo assessor de música da Fundação Cultural do Distrito Federal. Tecladista, arranjador e compositor, ele substitui Janete Dornellas e fica responsável por projetos como o Sarau e o Made in Brasília. Há quatro dias no cargo, ainda não sabe exatamente o que vai poder fazer. Mas tem planos de sobra. E traz no currículo uma curta gestão em 1990, quando assumiu a assessoria de música por pouco mais de três meses.

"Naquela época não havia muitas condições de trabalho e resolvi voltar à minha vida de músico", diz Renato. "Agora a situação é diferente. Estou muito confiante no novo governo e me considero um cidadão com condições de ajudar dentro desse processo cultural. Ainda não sei como os projetos vão ficar, mas a tônica desse governo é favorecer e fomentar as diversas linguagens artísticas — música, teatro, dança, etc — apoiando os mais variados gêneros. No caso da música, incentivar desde a música erudita até a música popular. Do pandeirista ao concertista".

Por enquanto, a nova equipe da Fundação Cultural está empenhada em traçar um plano emergencial, no sentido de ocupar todos os espaços possíveis, no Plano Piloto e nas cidades-satélites, ainda neste verão. "A programação está sendo montada e deve começar lá para o final de janeiro", avisa. "Estamos fazendo um levantamento dos recursos para não dar um passo maior que as pernas. Este plano tem os pés no chão e procura favorecer os grupos locais, em todas as suas tendências".

Para o músico, projetos como o *Made in Brasília* e o *Sarau* são "excelentes, de altíssima qualidade". "Vale a pena mantê-los", afirma. "Mas acho que, na área de música, são muito poucos os projetos". E Renato tem muitas idéias. Gostaria, por exemplo, de inserir o *Made in Brasília* num circuito de três ou quatro lugares, incluindo cidades-satélites, e passar a realizá-lo na Sala Funarte, em vez de utilizar a Sala Martins Penna.

"Tenho um monte de projetos", diz. "Acho que se a gente conseguir o hábito das pessoas assistirem aos espetáculos locais, o artista pode ter uma perspectiva, em termos de ca-



Givaldo Barbosa

Renato Vasconcellos quer estimular todos os tipos de música produzidos na cidade e investir em equipamentos e treinamento de pessoal

chês, melhor do que o que é pago pelo governo. É preciso, também, um grande investimento na área de equipamentos, de manutenção e de treinamento de pessoal. E a nova gestão está muito preocupada com a recuperação dos próprios. Há um grande interesse em recuperar espaços. Espero que o GDF apóie a Secretaria de Cultura. Sem apoio financeiro, ela não pode fazer nada".

**Hino** — Nascido em Caratinga (MG), há 35 anos, Renato Vasconcellos foi para Cabo Frio com menos de um ano de idade e lá ficou até os 12. Passou por Juiz de Fora e Belo Horizonte antes de chegar a Brasília, em 1974. E foi aqui que começou sua carreira como músico profissional, em 1978.

Como integrante do grupo Instrumental e Tal, que durou apenas dois

anos, Renato gravou um compacto independente em 1982. No disco, estava sua composição mais famosa, *Sufite Brasília*, considerada por muitos o "hino officioso" da cidade. Foi nessa época que ele começou a atuar também como produtor.

Renato acompanhou, como tecladista, boa parte dos cantores da cidade. "Quase todos", garante. Entre eles, Zélia Cristina (agora Zélia Duncan), Cássia Eller, Renato Matos e Adriano Faquini. Fora de Brasília, ele tocou com Beto Guedes (durante nove anos), Maria Bethânia (em três temporadas), Sandra de Sá, Leny Andrade e Carmem Costa.

Nos últimos dois anos, ele vem se dedicando à educação musical, através do projeto *Música na Era da Informática*. "É um projeto que venho de-

envolvendo com outras pessoas, aplicando os recursos da informática no ensino da música", explica. "Tudo é feito através do teclado. E as fontes de conhecimento vão de Luiz Gonzaga a Beethoven".

Ele também vem trabalhando na gravação de seu primeiro disco do solo. Até agora, foram gravados 100 horas em estúdio — 50% do CD — e as participações de Flávio Venturini, do trompetista Márcio Montarroyos e do saxofonista Raul Mascarenhas. "Venho trabalhando neste projeto há anos, fazendo tudo homeopaticamente", diz. "Mas agora já estou em fase de negociação e pretendo lançar logo, ainda no primeiro semestre deste ano. Já fui sondado por selos cariocas, mas me interessa mais ser lançado por alguma produtora legal, semi-independente".